

# OLHARES ESTUDANTIS: identidades e memórias das produções audiovisuais no ensino médio integrado

Bárbara de Almeida Tavares Borges, Thiago de Faria e Silva

barbaraatb1@gmail.com, thiago.faria@ifb.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024

**Resumo.** Esta pesquisa tem o propósito de incentivar a produção audiovisual entre os jovens do Ensino Médio Integrado (EMI) em um campus da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT). O estudo investiga como as criações dos estudantes se relacionam com suas identidades e memórias. Trata-se de uma pesquisa-ação, na qual é oferecida uma oficina formativa com base nos dispositivos do Projeto Inventar com a Diferença – Cinema e Direitos Humanos, visando democratizar a linguagem cinematográfica nas escolas. Destaca-se o uso do dispositivo filme-carta para viabilizar a expressão dos próprios estudantes. Por fim, está prevista uma mostra dos vídeos produzidos para possibilitar o conhecimento por parte da instituição escolar.

**Palavras-Chave.** Audiovisual, Identidade, Memória.

**Abstract.** This research aims to encourage audiovisual production among students in Integrated High School (EMI) at a campus of the Federal Network of Professional, Scientific, and Technological Education (RFEPCT). The study investigates how student creations relate to their identities and memories. It is an action research, where a formative workshop is offered based on devices from the Projeto Inventar com a Diferença - Cinema and Human Rights, aiming to democratize the language of cinema in schools. The use of the film-letter device is highlighted to facilitate the expression of the students themselves. Finally, a screening of the produced videos is planned to enable understanding by the educational institution.

**Keywords.** Audio-visual; Identity; Memory.

## Introdução

Esta pesquisa tem a intenção de fomentar a realização audiovisual pelas juventudes, pertencentes ao Ensino Médio Integrado (EMI) de um campus da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), em que não são ofertados cursos voltados para o cinema e audiovisual, pesquisando assim de que maneira as criações estudantis se relacionam com as identidades e memórias dos sujeitos produzidas na instituição de ensino. Desse modo, trata-se de uma pesquisa-ação, em que é ofertada uma oficina formativa com base em dispositivos do *Projeto Inventar com a Diferença – Cinema e Direitos Humanos*<sup>1</sup>, criado com o objetivo de democratizar a linguagem do cinema nas escolas.

Dessa maneira ressaltamos como objetivo geral deste trabalho fomentar a realização audiovisual pelos estudantes do EMI. Os objetivos específicos são: desenvolver a oficina de realização audiovisual “Olhares Estudantis” com o intuito de viabilizar a imagem/discurso dos próprios estudantes e promover a realização dos dispositivos Minuto Lumière, Fotografia Narrada e Filme-carta; realizar a mostra audiovisual “Olhares Estudantis”, exibindo os filmes-cartas realizados pelos discentes para toda a comunidade, possibilitando a escuta e conhecimento por parte da instituição escolar; analisar como os conteúdos produzidos pelos discentes se relacionam com suas vivências no espaço escolar, concepções de memórias e identidades.

Estamos inseridos em uma sociedade contemporânea marcada pelas telas e uso da linguagem audiovisual. Contudo, ainda percebemos que isso não se reflete na linguagem trabalhada com os estudantes dentro da educação formal, onde ainda perdura uma centralidade na escrita. A escola se atém fortemente ao que quer ensinar (currículo e conteúdo programático) e, por muitas vezes, apresenta dificuldade para entender as culturas estudantis/escolares.

Descentralizar e utilizar o audiovisual pelos estudantes que cresceram consumindo programas de televisão muito antes de ler ou escrever é um processo que permite criar

---

<sup>1</sup> O Projeto Inventar com a Diferença é uma ação da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando na formação de professores e estudantes na linguagem audiovisual e direitos humanos.

identificação e avivar as formas de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Thiago de Faria e Silva afirma:

Se, no dia a dia escolar, a escrita e a leitura caminham juntas com naturalidade desde os primeiros anos da educação básica, o mesmo não acontece com a linguagem audiovisual. Embora a produção audiovisual escolar tenha crescido exponencialmente nos últimos anos em todo o Brasil e no mundo, sua prática em sala de aula ainda precisa se tornar tão rotineira quanto a escrita em relação à leitura. (Silva, 2022, p. 19)

Silva declara que o amparo e formação dos alunos está além do conhecimento de conceitos básicos que envolvam a produção audiovisual, destaca a importância de retirar dos estudantes a posição de espectadores, por isso, afirma que “o aprendizado sobre o fazer conduz não só à criação de algo próprio e original pela cultura escolar, mas inevitavelmente proporciona uma transformação do olhar” (Silva, 2022, p. 19).

No contexto atual, a escola enfrenta o desafio de se adaptar às mudanças culturais e tecnológicas que permeiam a sociedade. A integração do audiovisual na educação não é apenas uma resposta a essas mudanças, mas uma oportunidade de enriquecer o processo educacional. Estudantes do Ensino Médio Integrado vivem em um mundo onde a comunicação visual e digital é predominante, o que torna a inclusão dessas ferramentas no ambiente escolar uma necessidade urgente.

Este artigo tem como objetivo principal investigar como as criações audiovisuais dos estudantes se relacionam com suas identidades e memórias. Além disso, busca-se analisar o impacto dessas atividades na percepção da comunidade escolar sobre os alunos.

## Referencial Teórico

A base teórica deste estudo inclui autores como Paulo Freire, que destaca a importância da ação cultural para a liberdade, e Alain Bergala, que explora a criação cinematográfica no contexto escolar. A dualidade histórica da educação brasileira entre ensino técnico e propedêutico também será abordada, assim como os desafios da nova concepção de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) pós-2008.

A EPT é pautada na formação integrada, tendo como objetivo, segundo Ciavatta (2005, p. 2-3), “garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política”. O Ensino Médio Integrado (EMI)

é fruto desse formato de ensino e defende, segundo a mesma autora, “que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho: seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos [...]” (Ciavatta, 2005, p. 2).

O conceito de formação integral, resgata a relação histórica entre educação e trabalho ao propor uma formação na qual exista uma união entre trabalho teórico e trabalho prático, trabalho intelectual e trabalho manual. Com o intuito de promover a formação omnilateral e entendendo o trabalho como um princípio educativo,

[...] no sentido de superar a dicotomia trabalho manual / trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual do trabalho produtivo de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos. (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012, p. 17).

É pensando nesse sujeito multifacetado, capaz de criar e realizar, que buscamos encontrar um recurso pedagógico que permita ao estudante compreender/questionar o contexto no qual está inserido e agir de forma objetiva sobre essa realidade por meio de uma práxis transformadora, como bem diz Cezar Migliorin:

[...] a emancipação é uma prática e não um estado acabado do sujeito. Não se emancipa o sujeito, mas se estabelecem práticas que partem da igualdade das inteligências e das potências sensíveis. É pela possibilidade de uma inteligência qualquer participar da transformação de um mundo sensível que a emancipação se efetiva. (Migliorin, 2014, p. 5).

Deste modo, propomos a prática da criação e realização audiovisual dentro do ambiente escolar de modo que os estudantes possam utilizar o filme-carta como dispositivo de posicionamento, de opinião, no qual possam expressar seus olhares de diferentes pontos de vista do ambiente escolar em que estão inseridos e de que forma isso se relaciona com a sua identidade e memória.

[...] Esta pedagogia com o cinema não visa assim os filmes como objetos fim, mas filmes que podem escapar da máquina e serem vistos como objetos fim – passar na TV, ser apresentado em um festival ou em um canal do Youtube –, mas, sobretudo, filmes que são um nó da própria máquina e que a ela retorna, uma vez que no ambiente pedagógico, é no retorno a ele que parte importante do conhecimento se efetiva. (Migliorin, 2014, p. 7)

A integração do audiovisual na educação é um tema que vem ganhando destaque, principalmente devido ao seu potencial de engajamento e expressão dos estudantes. Segundo Bergala (2008), o cinema na escola deve ser visto não apenas como um recurso pedagógico, mas como uma forma de arte que possibilita novas formas de ver e entender o mundo. Freire (2021), por sua vez, argumenta que a educação deve ser um processo de libertação, onde os estudantes são incentivados a expressar suas vozes e perspectivas:

Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora. (FREIRE, 2021, p. 107).

Bergala frisa que o cinema é arte, constituída de palavras, diálogos e da língua, e assim ressalta que “não é a arte que deve ser exposta sem riscos aos jovens espectadores, eles é que devem ser expostos à arte e podem ser abalados por ela” (BERGALA, 2008, p. 98). Cezar Migliorin em seu texto O ensino de cinema e a experiência do filme-carta, expõe que “não há ensino de cinema que também não seja em si um processo de emancipação.” (MIGLIORIN, 2014, p. 2).

Em vista disso, podemos afirmar que a realização cinematográfica, enquanto dispositivo de ensino-aprendizagem se apresenta como um grande aliado para o uso consciente e planejado da linguagem audiovisual no espaço escolar,

[...] afirmando a educação como meio pelo qual as pessoas se realizam como sujeitos históricos que produzem sua existência pelo enfrentamento consciente da realidade dada, produzindo valores de uso, conhecimentos e cultura por sua ação criativa. (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2012, p. 125).

Stuart Hall destaca a fragilidade e capacidade de formação e transformação contínua das identidades de acordo com a forma como somos representados. Hall diz que as identidades tornaram-se uma “celebração móvel”, defendendo que:

[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. (Hall, 1999, p. 13).

Douglas Kellner complementa o autor supracitado, dizendo que “a identidade pós-moderna, então, é constituída teatralmente pela representação de papéis e pela construção de imagens.” (2001, p. 311). Ele delinea e faz apontamentos sobre as diferenças na constituição da identidade moderna e da identidade pós-moderna:

Enquanto o lugar da identidade moderna girava em torno da profissão e da função na esfera pública (ou familiar), a identidade pós-moderna gira em torno do lazer e está centrada na aparência, na imagem e no consumo. (Kellner, 2001, p. 311).

Kellner aborda sobre perspectivas positivas e negativas em relação à identidade pós-moderna, afirmando que na sociedade contemporânea é usual e até certo ponto visto como natural mudar a identidade de acordo com as tendências que se constituem e dissipam de forma acelerada com a moda. Sob a perspectiva positiva ele indica que “a identidade sempre pode ser reconstruída e que somos livres para nos transformarmos e nos produzirmos conforme nossa escolha.” (Kellner, 2001, p. 312). Deste modo, o autor salienta um aumento da liberdade individual dos sujeitos para agir e transformar radicalmente a própria vida e identidade.

Contudo, em relação aos riscos o mesmo autor argumenta que tamanha capacidade de transformação pode produzir “uma erosão da individualidade” (Kellner, 2001, p. 312) e assim tornar “a vida totalmente fragmentada e desconexa, sujeita aos caprichos da moda e à sutil doutrinação da propaganda e da cultura popular” (Kellner, 2001, p. 330). O autor ainda ressalta sobre a importância de valorizar algumas características da identidade moderna:

Para nos opormos à dispersão, à fragmentação e à desconexão da identidade, precisaremos valorizar certas características fundamentais da identidade moderna, como a autonomia, a racionalidade, o compromisso, a responsabilidade, etc. (Kellner, 2001, p. 330-331).

Sendo assim, percebemos que a construção identitária da modernidade se aproxima do filme-carta enquanto possibilidade de se materializar de forma muito potente quando realizado no contexto escolar. Diversos autores pensam a construção das identidades nos ambientes de educação formal, trazendo a tona a escola como um sujeito dotado de identidade:

[...] a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que estabelecem. De outra parte, esse processo está fortemente enraizado na cultura do tempo e do lugar onde os sujeitos sociais se inserem e na história que se produziu a partir da realidade vivenciada. (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012, p. 97-98).

Ciavatta elucida a escola como um lugar de memória esmaecido, ocupado pela infância e juventude, onde o “sentimento do passado é quase inexistente” (2021, p. 96). Embora a escola não seja mencionada por Pierre Nora em sua valiosa ponderação sobre “os lugares de memória”, que, segundo ele, “são, antes de tudo, restos” (NORA, 1993, p. 12), Nora cita museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, monumentos, santuários, associações, testemunhos de outras eras, “sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos” (NORA, 1993, p. 13). Por sua vez, Ciavatta afirma que, com o passar do tempo, a escola e as vivências com colegas de infância e juventude se tornam sólidos “lugares de memória”. Assim, a autora propõe:

O desenvolvimento consensual de um projeto de resgate da escola como um lugar de memória, das lembranças de seus personagens e momentos mais expressivos. Documentos dispersos, preservados na história particular de muitos, fotografias, livros, papéis e objetos guardados com zelo e nostalgia podem alimentar a perspectiva de uma escola de uma formação integrada e mais completa para os mais jovens, com reconhecimento e orgulho de si mesmos como mestres. (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2012, p. 101-102.)

Pierre Nora no texto supracitado ainda aborda de maneira muito sensível a constituição da memória, ao afirmar que:

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais e flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993, p. 9)

Observamos aqui o autor explorando elementos cinematográficos e audiovisuais como cenas e projeções. À medida que avançamos na leitura, Nora reflete sobre as maneiras de escrever a história e o poder da imagem e do cinema na cultura contemporânea, destacando uma “memória intensamente retiniana e poderosamente televisual” (NORA, 1993, p. 20). Nesse contexto, as produções audiovisuais são um modo de conhecimento e também uma fonte de memória. Milton José de Almeida argumenta:

Assistir a um filme é estar envolvido em um processo de recriação da memória (...). O cinema, ao mesmo tempo, cria ficção e realidades históricas, em imagens agentes e potentes, e produz memória. (...) Grande parte do que as pessoas conhecem hoje e entendem como verdadeiro, só o conheceram por imagens visuais e verbais. (ALMEIDA, 1999, p. 56)

As noções de identidade e memória são centrais para a compreensão do desenvolvimento pessoal e social dos estudantes. Segundo Hall (2003), a identidade é uma construção social que se dá no contexto das relações culturais e históricas. A memória, conforme Nora (1984), é um processo dinâmico que envolve a seleção e a interpretação das experiências passadas. Integrar essas dimensões no ambiente escolar pode enriquecer o processo educativo e promover uma maior conscientização sobre a diversidade cultural.

O projeto "Olhares Estudantis" busca, em escala local, evidenciar questões comuns à educação profissional e tecnológica, mudando a ênfase instrumental do audiovisual nas escolas. Utilizar o filme-carta como instrumento, permite uma compreensão ampla das culturas audiovisuais dos alunos e o desenvolvimento de suas identidades, indo além do espaço físico da escola. A oficina, por essa perspectiva, acaba por promover uma jornada de aprendizagem que compartilha identidades e memórias dos participantes, contribuindo para repensar as instituições escolares.

Em suma, a integração do audiovisual e a utilização do filme-carta no ambiente escolar proporcionam aos alunos uma ferramenta poderosa para a expressão de suas identidades e memórias. Esse processo não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove uma educação mais crítica, reflexiva e conectada com a realidade dos estudantes, alinhando-se aos princípios defendidos por autores como Freire, Bergala, Hall e Nora.

## **Metodologia**

A metodologia adotada é a pesquisa-ação, visando a integração ativa dos participantes no processo de investigação. Conforme Thiollent (2011), a pesquisa-ação permite que pesquisadores educacionais gerem informações e conhecimentos mais aplicáveis e eficazes ao contexto pedagógico, promovendo a participação ativa dos envolvidos no sistema escolar na busca por soluções para seus problemas.

Uma característica central da pesquisa-ação é sua capacidade de associar o processo investigativo à aprendizagem. No contexto educacional, isso se traduz em um



maior engajamento e relevância, mas também é aplicável em outras áreas como comunicação e organização. Thiollent (2011) destaca que essa associação entre pesquisa-ação e aprendizagem reforça a relevância da metodologia na educação.

Além disso, a pesquisa-ação explora a relação entre saber formal e saber informal, buscando melhorar a comunicação entre os especialistas e os interessados. Thiollent (2011) aponta que essa interação é crucial para estabelecer uma ponte entre os conhecimentos acadêmicos e práticos, ampliando a eficácia das intervenções educacionais e a compreensão mútua.

A metodologia da pesquisa-ação adotada neste estudo envolve ciclos de planejamento, ação, observação e reflexão, permitindo ajustes contínuos e a integração de novas descobertas ao longo do tempo. Segundo Thiollent (2011), essa abordagem é particularmente eficaz na educação, pois engaja os participantes na busca ativa de soluções e na implementação de melhorias pedagógicas.

A pesquisa-ação permite uma investigação participativa, onde pesquisadores e participantes colaboram para identificar problemas e desenvolver soluções. Neste estudo, os estudantes serão encorajados a refletir sobre suas experiências e expressá-las através de criações audiovisuais, promovendo um ambiente de aprendizado ativo e colaborativo.

**Figura 1 - Registro do primeiro encontro**



**Fonte: Oficina Olhares Estudantis (2024)**

A oficina "Olhares Estudantis" foi conduzida em cinco encontros, cada um com atividades específicas e com a participação de especialistas que enriqueceram o processo formativo. No primeiro encontro, abordamos a importância das histórias pessoais e como fotografias e vídeos compartilhados podem refletir as identidades dos estudantes.

Contamos com a presença do professor Thiago de Faria e Silva, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e autor da obra "Escola, história e claquete: reflexões sobre a produção audiovisual na escola". Sua contribuição foi fundamental para enriquecer o encontro com reflexões sobre a produção audiovisual na educação.

Nos encontros seguintes, exploramos conceitos de linguagem audiovisual e o uso do celular como ferramenta de realização. A professora Gláucia Mendes da Silva, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), enriqueceu a atividade formativa por meio de discussões sobre o gênero textual carta. Ao longo da oficina, enfatizamos a experiência de criação, proporcionando um espaço para que os estudantes explorassem a expressão audiovisual de forma autêntica.

O Técnico em Audiovisual do IFG, Felipe Leite, Especialista em Educação à Distância e suas Tecnologias, compartilhou com os estudantes ferramentas e técnicas de edição. Sua orientação técnica foi essencial para capacitar os alunos na edição dos vídeos produzidos.

A oficina "Olhares Estudantis" possibilitou aos estudantes contarem suas histórias de maneira inovadora e significativa, utilizando dispositivos como Fotografia Narrada, Minuto Lumière e Filme-carta para expressarem suas vozes e perspectivas. Contudo, devido à greve que ocorreu este ano na educação federal, a realização da mostra audiovisual foi adiada, permanecendo pendente até o momento, com previsão para realização no início do segundo semestre letivo.

## **Resultados Esperados**

Espera-se que a oficina formativa e a subsequente mostra de vídeos possibilitem uma maior compreensão e valorização das identidades e memórias dos estudantes por parte da comunidade escolar. A análise dos vídeos criados pelos estudantes deve revelar olhares valiosos sobre suas vivências e percepções, contribuindo para uma educação mais inclusiva e representativa.

Um dos principais resultados esperados é o fortalecimento do vínculo entre estudantes e a comunidade escolar. Através da valorização das expressões audiovisuais dos

alunos, a escola poderá reconhecer e integrar as diversas formas de conhecimento e cultura presentes no cotidiano dos estudantes. Isso pode resultar em um ambiente escolar mais acolhedor e estimulante.

Os estudantes desenvolveram habilidades técnicas em produção audiovisual, além de competências críticas e reflexivas sobre suas próprias identidades e memórias. A experiência prática com técnicas como Fotografia Narrada, Minuto Lumière e Filme-carta permitirá que os alunos se expressem de forma criativa e significativa.

A análise dos vídeos produzidos pelos estudantes oferecerá uma rica fonte de dados sobre como as identidades e memórias são construídas e expressas no contexto escolar. Espera-se que os vídeos revelem as complexidades e as nuances das experiências dos estudantes, proporcionando uma visão mais profunda sobre os processos de formação identitária.

Em resumo, os resultados esperados incluem a produção audiovisual por parte dos estudantes, a realização de uma mostra audiovisual para a comunidade escolar e uma análise das relações entre os conteúdos criados pelos estudantes e suas identidades e memórias. Espera-se que os vídeos produzidos possibilitem uma reflexão sobre o ambiente escolar e social, estimulando o diálogo e a compreensão mútua entre estudantes, professores e demais membros da comunidade escolar. A pesquisa contribuirá para a promoção de uma educação mais inclusiva, participativa e reflexiva, que valoriza as múltiplas formas de expressão e construção de conhecimento pelos estudantes.

## Referências

ALMEIDA, Milton José de. **Cinema: arte da memória**. Campinas, SP Autores Associados, 1999.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklinks; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

CIAVATTA, Maria. **A Formação Integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade**. Revista trabalho necessário, Rio de Janeiro, ano 3, número 3, 2005.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise Nogueira (orgs.). **Ensino Médio Integrado: Concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 11. ed., 2006.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru, SP: Edusc, 2001

MIGLIORIN, Cezar. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. **O ensino de cinema e a experiência do filme-carta**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-compós, Brasília, v.17, n.1, p. 1-16, jan/abril. 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, n. 10, p. 7-28, 1993.

SILVA, Thiago de Faria e. **Escola, história e claquete: reflexões sobre a produção audiovisual na escola**. Curitiba: Appris, 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.